

A encruzilhada da educação

(*) LUIZ ESTEVÃO

No Centro Educacional nº 3, no Gama, só há seis professores para 14 turmas. Alguns alunos só têm aulas uma vez por semana. Em Brazlândia, mais de 60% dos professores estão contratados em regime temporário (tão criticado no governo anterior sob a acusação de "eleitoreiro"). No Centro Educacional nº 2, do Guará, faltam 25 professores. No Recanto das Emas, onde o turno da fome segue firme em 1996, há 2,7 mil alunos sem aulas por falta de professores. O retrato da "prioridade" à educação dada pelo GDF é sombrio. Tão perverso que, apesar do decantado programa da bolsa-escola, é cada vez menor o número de crianças que procuram as escolas públicas.

Os números são oficiais, da Fundação Educacional do DF. Entre os anos de 1990 e 1994, matricularam-se no ensino fundamental (de 1ª a 8ª séries) 64.548 novos alunos, média de 16.137 a cada ano. Nos dois primeiros anos do governo "popular e democrático", as matrículas novas foram de apenas 7.534, ou 3.767 por ano. Uma queda de 4 para 1. Apenas nestas séries, faltam 2.100 professores. No ensino médio, faltam outros 500.

O ensino fundamental, responsável por 70% do contingente atendido pela FEDF, não está atendendo à demanda de crianças em idade escolar na cidade. Ao invés de colocar mais meninos nas escolas, o governo faz o contrário. A própria frustração com a lenta Implantação da bolsa-escola pode ter contribuído para a violenta contração do número de novas matrículas. Afinal, 14 meses depois de sua posse, o GDF mal estendeu o benefício a 1/4 das famílias habilitadas ao auxílio. Há apenas a promessa (mais uma...) de que, em 1998, todo o DF possa fazer jus a ela.

Os motivos são muitos, mas o maior deles é o de que a população passou a confiar menos na escola pública, agora gerida com base em indicações políticas, critérios partidários e nenhum compromisso com um projeto pedagógico sério. Fala-se



mu-
to, há retórica para todos os gostos e marketing à vontade. Só não há o resultado prático, verdadeiro: mais crianças nas escolas, melhor aproveitamento educacional, professores e servidores da educação melhor treinados e remunerados.

Em anos passados, conscientes de que manter os

alunos em sala é

"O ritmo de expansão da rede física da FEDF é inferior ao de governos passados"

mu-
to mais um trabalho de dedicação diária do que de projetos mirabolantes, os educadores investiram na busca de casa em casa, no convencimento da família e da criança de que estudar é fundamental para seu futuro. Tais programas, em nome de uma "revolução na educação", foram descontinuados, esquecidos, aposentados. Como consequência, está em gestação no DF uma revolução. Sim, a revolução da ignorância e do analfabetismo a que estão expostas milhares de crianças fora das escolas.

Faltam professores, o que é grave. Faltam alunos, o que é inadmissível. Só não faltam R\$ 200 mil para pagar uma consultoria de São Paulo, que vai deslindar o dilema hamletiano do governo: fundir ou não fundir a Secretaria de Educação e a FEDF, eis a questão...

No ano passado, como se pudesse fazer de um dever constitucional motivo para alarde publicitário, o GDF alegava estar construindo "uma sala de aula por dia". Confrontados os dados oficiais, viu-se que o ritmo de expansão da rede física da FEDF é inferior aos das administrações passadas - o que significa dizer que, mesmo que essas crianças quisessem frequentar as escolas, não haveria lugar para elas. No paquidêmico ritmo atual, o governo encerrará os seus quatro anos com 30 mil alunos sem salas. No orçamento de 1996, o GDF ignorou suas promessas: reduziu a fatia reservada à educação no bolo orçamentário de 23,76% (em 1995) para 22,49%.

Enquanto fala na "revolução da educação", o GDF enfrenta ameaças semanais de greve na rede pública, pois professores e auxiliares de ensino estão cansados de compromissos descumpridos. Faltam mais mestres e Mais alunos, mais salas de aula e mais investimentos. A educação em Brasília vive seu momento decisivo: desmontou-se um processo educativo que agregava 16 mil novos alunos do ciclo fundamental todos os anos e nada foi colocado em seu lugar. Por isso, a escola pública ameaça tomar o caminho do retrocesso, com graves consequências para a formação de nossas futuras gerações.